



**Da sensibilidade primitiva como categoria cognitiva:
anti-intelectualismo e anti-racionalismo em Monteiro Lobato**

GOSHAI DAIAN LOUREIRO*

Um país é feito de homens e livros. Lobato talvez seja tão conhecido por essa frase quanto por suas histórias infantis, ao menos entre os seus leitores e admiradores. Assim solta, fora de contexto, ela remete facilmente à sua figura de editor revolucionário, que mandou cartas a açougues e farmácias pedindo que vendessem livros; o “inventor” da venda por consignação; o defensor apaixonado do gosto pela leitura como essencial à formação das futuras gerações. Essa última associação – entre leitura, formação e infância – cristalizou-se inclusive na forma de uma data especial: o “Dia Nacional do Livro Infantil”, 18 de abril, nascimento do autor. A reiteração sucessiva desses lugares comuns e sua cristalização numa efeméride nacional, sem maiores dissensos, nos dizem que o sentido corrente da frase permanece sendo: um grande país depende do gosto de seus cidadãos ordinários pelo hábito de ler. Sendo assim, seria de se esperar que a máxima tivesse sido posta em letra pela primeira vez na boca de Dona Benta, ou talvez do Visconde de Sabugosa... Ocorre apenas que não é este o caso. A frase se encontra originalmente nas primeiras linhas do sexto capítulo de *América*, novela publicada pelo autor em 1932. Curiosamente, o sentido da frase ali é sensivelmente distinto do que se lhe atribui hoje em dia.

Ao longo do tempo os comentadores do livro sempre o tomaram como reflexo da fascinação de Lobato pelo progresso material norte-americano. A Nota dos Editores, introduzida antes do prefácio autoral a partir de sua inclusão nas OC, diz o seguinte: “(...) foi o quadro maravilho da vida americana que lhe abriu [a Monteiro Lobato] os olhos para uma idéia que depois viria a tornar-se sua idéia central. ‘Ferro e Petróleo dão a máquina e a máquina dá a eficiência ao homem’” (*AM*, p. 1). A nota reitera um juízo feito por Edgard Cavalheiro em sua biografia do autor. Em verdade, é possível que a nota tenha sido escrita por ele ou com sua anuência. Cavalheiro foi um dos principais responsáveis pela reforma editorial das OC na década de 1950. Além dos novos prefácios editoriais, volumes inteiros de artigos e correspondências do autor foram incorpo-

* Doutorando egresso em 2013, bolsista CAPES, atuando na linha de pesquisa “História das Ciências Biomédicas”, sob orientação da professora Dra. Nísia Trindade Lima.

rados à coleção. Nas palavras do biógrafo, *América* era um “fiel retrato do entusiasmo de Monteiro Lobato pelo progresso americano” (VO1, p. 300); e complementa ainda:

Escrito em 1929, – diz Cavalheiro – é natural que muitas páginas de *América* tenham envelhecido. O cinema falado, sobre o qual se derrama com tanto entusiasmo, é hoje [final da década de 1950] velharia. Assim como os programas radiofônicos, as discussões a respeito do voto secreto, do gangsterismo da lei seca. O que permanece de pé, como tema de estudos e análises, é o problema máximo, que pode ser resumido nessa pergunta:

“Por que dos mais dos maiores países da América, descobertos no mesmo ciclo, povoados com os mesmos elementos (europeu, índio e negro), libertados politicamente na mesma época, com territórios equivalentes, um se tornou o mais rico e poderoso do mundo, e o outro permanece atrofiado?”

Sem descer a profundas análises sociológicas, e principalmente sem investigar as origens e desenvolvimentos de ambas as civilizações*, tenta uma explicação, ou melhor, raciocina da seguinte maneira: somos pobres porque ainda não exploramos os elementos básicos na formação da riqueza de um País – ferro e petróleo (VO1, p. 300-301).

Lobato, por sua vez, foi bastante lacônico ao prefaciar o próprio livro. Disse apenas: “A incompreensão do fenômeno americano pode filiar-se à incompreensão natural que o carro de trás sempre há de ter da locomotiva. Há muito pouco ‘Hoje’ no mundo. Na própria Europa o ‘Ontem’ ainda atravanca a mor parte dos países. Naturalíssima, pois, a geral incompreensão relativa ao único povo onde o ‘Amanhã’ da humanidade já vai adiantado” (AM, p. 6). Ainda que estas quatro frases não o digam explicitamente, é óbvio que o autor pretendia que sua novela diminui-se essa incompreensão de algum modo. O livro, porém, parece ter falhado em estabelecer uma autoridade sobre o tema. Afinal, o juízo de Cavalheiro faz *mea culpa* alheia às pretensões de Lobato. O asterisco na passagem citada acima indica o lugar de uma nota, que por sua vez nos remete ao ensaio clássico de Vianna Moog. *Bandeirantes e Pioneiros: paralelo entre duas culturas* (1954) figura ali como o exemplo de uma investigação metódica do caráter nacional norte-americano.

Ao que tudo indica, por volta do fim da década de 1950, se não antes, *América* não podia aspirar a “explicar” o estilo de vida norte-americano, tarefa de intelectuais especializados (historiadores, sociólogos). Era possível, no máximo, oferecer alguns *insights*. O principal deles, segundo o juízo do biógrafo, que tão fortemente aderiu à própria obra, seria a importância de considerar o ferro e o petróleo como catalisadores de modernização nos países periféricos. Ainda que Lobato estivesse bastante de acordo com essa tese, não se pode dizer que seja ela o centro do livro, nem mesmo que resuma a interpretação do autor sobre o “fenômeno norte-americano”. E conquanto não tenha-

mos ainda adentrado os conteúdos do livro, podemos já nos indagar: um país, afinal, é feito de “homens e livros” ou de “ferro e petróleo”?

Esse dilema arma um ponto fundamental na estruturação da novela *América*; ponho esse que corresponde muito mais aos impasses de sua trajetória intelectual na virada dos anos 1920, do que ao momento posterior, quando esses impasses já haviam se dissipado e encontrava-se mergulhado nas campanhas públicas que o consagrariam na década de 1930. Em meados da década de 1920, a Monteiro Lobato & Cia., sua gráfica e editora, encontrava-se em sérios apuros financeiros por conta da seca em São Paulo e a crise local decorrente da “Revolução Paulista” de 1924. Lobato se muda para o Rio de Janeiro a fim de expandir os negócios da editora, e no meio tempo colabora com os jornais cariocas *O Jornal* e *A Manhã*. No primeiro publica os capítulos de *Mr. Slang e o Brasil* ao longo do ano de 1926, reunindo-os em livro no ano seguinte; no mesmo ano, publica no segundo os capítulos de *O Choque das Raças ou o Presidente Negro*.

A julgar pelo caso de *A Manhã*, muito bem reconstruído na dissertação de Paula Habib (HABIB, 2003), os jornais acolhiam não apenas os textos do autor, mas de seus comentadores. Parece razoável supor, a partir do quadro traçado ali para as críticas negativas a *O Choque*, que o capital literário acumulado por Monteiro Lobato como o “autor de *Urupês*” já se desgastava àquela altura. Lobato havia cavado seu lugar na vida literária como um excelente escritor de contos, mas seus críticos consideravam que lhe faltava o fôlego necessário para um romance. Talento e autenticidade já não eram mais suficientes.

Teria sido pelo fracasso de *O Choque* que Lobato não se aventurou a fazer de *América* um romance, e sim uma novela? Não por uma frustração qualquer, mas por um ceticismo crescente quanto ao *rendimento* do trabalho intelectual que a empresa demandava? O momento financeiro também não era propício e Lobato trabalhava concomitantemente em diversos escritos autorais, traduções e adaptações na esperança de fazer dinheiro após o *crack* da bolsa, que acarretou a falência definitiva da Monteiro Lobato & Cia. O próprio enredo de *América* nos oferece outra explicação.

Publicada originalmente em 1932 na coleção “Viagens” da Companhia Editora Nacional, a novela passa a limpo a experiência de Lobato nos Estados Unidos entre 1927 e 1929, período em que foi adido comercial do governo brasileiro no país. Nela o autor reprisa os papéis do narrador anônimo e do “inglês da Tijuca”, protagonistas de *Mr. Slang e o Brasil*, de 1927. Depois das partidas de xadrez em que discutiam a política do governo Washington Luiz, os dois personagens se reencontram casualmente em Washington, D.C., donde seguem a passear juntos por alguns dias. Visitam a capital e

Nova York, por vezes referindo-se também a Detroit e Filadélfia. O roteiro coincide em alguns pontos com o da estadia do escritor no país, mas apesar da coincidência, *América* não é um livro autobiográfico.

Consideremos a seguinte divergência entre a trajetória pessoal do autor e sua ficionalização no livro. “Lobato chega a New York a 7 de junho de 1927” – reporta Cavaleiro – “Quinze dias depois escreve estar americanizado, possuindo automóvel, rádio e um belo apartamento. Em agosto começa a transmitir aos amigos as impressões do país” (*VOI*, p.293, grifo meu). O roteiro de *América* por sua vez começa pelo reencontro dos protagonistas na “parte histórica” de Washington. Durante o passeio, Mr. Slang lhe pergunta como anda sua “americanização”, ao que o narrador lhe responde mais ou menos assim:

Rápida, Mr. Slang [...] Esta cidade é pura insidia [...] esta inteirinha feita sob medida [...] armada como arapuca para americanizar quem chega. [...] Sem ter aberto um só livro, creio que assimilei, pelo menos, metade da história americana. Já sei quem foi Sherman, Hamilton, Steuben, Jackson...” (*AM*, p. 34).

Sobre Lincoln o narrador diz saber desde antes da ida aos EUA, mas Slang irá lhe retorquir o seguinte: “Engano seu, meu amigo. Antes de visitar o Lincoln Memorial ninguém pode dizer conhecer Lincoln. Lá você vai *sentir* Lincoln – e compreenderá muita coisa daí por diante” (*idem*, grifado no original). Ao passar à limpo sua experiência norte-americana, Lobato opta por polir seu entusiasmo inicial e representar em estilo mais “elevado” a perspectiva do contato com a cultura norte-americana. O entusiasmo das *comodities*, porém, não sede lugar ao entusiasmo dos museus e da alta cultura histórica; conjuga-se com ele.

Consome-se Lincoln como se consome 'hot-dog'. Consome-se George Washington como se consome sorvete. Citações de seus discursos históricos, anedotas, ditos agudos, visões washingtonianas da política geral circulam no país como moeda de troco miúdo. [E] Na alta política ainda é o pensamento dos dois que conta como argumento decisivo" (*AM*, p. 33).

A deglutição de Lincoln tem um quê de antropofagia, mas o consumo, como relação com as coisas, tem algo de diferente da metáfora oswaldiana do ritual tupinambá. Na passagem citada o conhecimento histórico que circula não se modifica de um nível para outro, ele apenas se propaga, da maneira mais direta, objetiva, fluída e purgada de quaisquer impurezas. A apreensão do caráter nacional norte-americano não se faz pela via da erudição histórica, mas pela reificação das *potencialidades da experiência imediata*.

Eis a mesma idéia reformulada noutra momento do livro, a propósito daquela máxima com a qual iniciei esta comunicação. Atentemos agora finalmente para a trama discursiva em que ela se insere. Ter homens, argumenta o narrador, é ter “Washingtons” e “Lincolns”, esses sujeitos cósmicos, sínteses de uma época, tão difundidos pela imaginação histórica do século XIX. Ao passo que “ter livros” significa ter experiência humana acumulada:

Mr. Slang certa vez me disse que o homem só tinha duas criações: a invenção do alfabeto e a descoberta do fogo. O alfabeto permitiu o acúmulo da experiência individual; o fogo abriu caminho para a dominação da natureza.

- Compreendo bem a primeira parte, mas tenho dúvidas sobre a segunda, objetei eu. [...]

- Basta por hoje que compreenda a primeira parte [, responde Mr. Slang]. A segunda compreenderá por si mesmo, se acaso for ter a um país de alta civilização industrial. Só num país de alta civilização industrial a coisa se fará tão evidente que você aprenderá sem o auxílio dos óculos. [...]

O Destino me havia posto na América, país de alta civilização industrial, e pois eu estava próximo de, ou pelo menos apto para, compreender a segunda parte do axioma do meu amigo. E afinal, compreendi sem o auxílio dos óculos. Sim, fora magnamente o fogo a magna descoberta que... Não antecipemos” (AM, p. 46).

Aprender “sem o auxílio dos óculos” é, assim como na deglutição de Lincoln, uma metáfora para o sonho de uma relação *imediate* com a realidade, sem o hiato entre erudição e ação característico de um saber retórico e bacharalesco. A vitória do fogo sobre a letra estaria supostamente demonstrada de maneira cabal pelo “gigantismo” americano: os arranha-céus, as indústrias, os *sub-ways*, etc, etc, imagens que abarrotam todo o livro. Elas atestariam a suposta efetividade de um processo de *comoditização da cultura*, através do qual seria possível aos indivíduos desprovidos de erudição desfrutar dos mesmos resultados objetivos do conhecimento pela via do progresso material. Em outras palavras, Lobato se sentia tão à vontade na cultura norte-americana menos por um deslumbramento cego do que pela realização de que pela primeira vez encontrara uma sociedade que valorizava mais a *inteligência* do que o *intelecto*, que subordinava a *ciência* à *experiência*, e não o contrário (Cf. HOFSTADTER, 1963; AGAMBEN, 2005).

Pela recorrência de determinados temas, Lobato expressa uma interpretação sobre o funcionamento da sociedade norte-americana em *América*. Contudo, ela não representava nada de novo para seus contemporâneos, talvez até mesmo soa-se um pouco defasada na década de 1930: os americanos como um povo “primitivo”, todavia capaz de produzir um modelo de civilização alternativo ao europeu. Lobato leva bastante a sério

essa perspectiva e joga plenamente com a ambivalência da categoria nas sua descrição dos Estados Unidos. De certo soaria estranho hoje usar os adjetivos *troglodita*, *feminina* e *infantil* para definir o espírito da América, não para Lobato. A novela joga fundamentalmente com a ambivalência dessas figuras do primitivo.

Já me encaminhando para o encerramento da comunicação, não convém aqui explicitar os sentidos positivos e negativos que cada uma dessas figuras assume diversas vezes ao longo dos episódios do livro. Cumpre apenas assinalar o modo como o primitivismo de Lobato, reelaborado pela sua vivência nos Estados Unidos, ofereceu-lhe uma saída à tensão entre erudição e ação, literatura e vida social, na qual se encerrava em meados dos anos 20; e que o saldo deste primitivismo, além do reforço à sua faceta empresarial, foi um impulso decisivo à formulação de um projeto literário para suas histórias infantis.

[PERSONAGEM-NARRADOR] Apesar de estupidificado pela educação, o pobre adulto conserva dentro de si a criança que foi – e sorri sãmente, animalmente, todas as vezes que algo lhe fala a essa criança. Assim se deu comigo. Pus-me a sorrir o sorriso puramente biológico, sem intenção, sem causa – o sorriso da criança solta. [...] Mocidade: arranco da infância, salto que a vai transportar dum mundo para outro... Salto, sim... Estado de levitação. A mocidade, como salto que é, bóia no ar, levita-se na euforia do amor. Depois vem a queda – o chão duro e áspero do resto da vida – a idade do adulto, a fase que enchia de horror ao sábio Peter Pan... (AM, p. 212; 215)

Bibliografia:

- AGAMBEN, G. *Infância e História*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Brasiliense, 1955.
- HABIB, P. A. B. B. “Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou”: raça, eugenia e nação. 169 f. Dissertação de Mestrado – UNICAMP, Campinas, 2003.
- HOFSTADTER, R. *Anti-Intellectualism in American Life*. 1a. ed. New York: Alfred A. Knopf, 1963.
- LOBATO, M. *América*. 7ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

Obs: Essa comunicação desenvolve parte do argumento terceiro capítulo 3 da tese de doutorado produto da pesquisa intitulada “Primitivismo, Americanismo e Infância na literatura de Monteiro Lobato (1920-1933)”. Esta investiga o papel da experiência norte-americana de Monteiro Lobato, codificada por um estilo de pensamento social-evolucionista, na formulação do seu projeto de literatura infantil. Sua hipótese de base é que este projeto estaria comprometido com noções de “modernidade” e “imaginação” fundamentalmente derivadas daquela experiência específica. Seu objetivo é demonstrar a co-incidência histórica de dois campos semânticos na prosa do escritor: (a) um que classifica de modo ambivalente a psicologia dos “povos primitivos” – e incluem-se neste contexto intelectual as mulheres e as crianças – a partir de características como sensibilidade, espontaneidade, paixão e imediação; (b) outro a partir do qual se exprime uma demanda por algumas destas características como requisitos à ação social num contexto de avanço do capitalismo e de crise das categorias “civilização” e “erudição”. Para isto a escrita da tese tomará a forma de uma análise do discurso da novela *América*, com vista a refletir sobre a automodelação do autor enquanto intelectual autêntico e primitivo, nas chaves do jeca, do businessman e do escritor infantil. Essa análise, obviamente, não prescinde da leitura de uma variada gama de outros escritos – extemporâneos, contemporâneos e do próprio autor.